

# “THE AIDS MEMORIAL”: HISTÓRIAS DE AMOR, PERDAS E LEMBRANÇAS EM PEDAGOGIAS DE AFETOS

Tiago Amaral Sales<sup>1</sup>  
Daniela Franco Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** Na pandemia de covid-19, ao vivenciarmos distanciamentos, saudades e incontáveis lutos causados por bio(necro)políticas, colocamo-nos atentos aos memoriais virtuais. Em derivas, nos encontramos com o “THE AIDS MEMORIAL”, que aborda outra pandemia: a de HIV/aids. A partir do nosso encontro com a página do memorial no Instagram, pensamos em pedagogias de afetos possíveis. Escolhemos doze postagens e, junto delas, produzimos escritas-encontros, dando passagem para afetos que, em nós, pediram vazão. Por fim, pensamos que a página, ao cultivar memórias pelas “histórias de amor, perdas e lembranças”, possibilita instaurar pedagogias de afetos que fissuram políticas de silenciamento, invisibilidade e morte, permitindo resistências em potências de vida.

**Palavras-chave:** HIV/aids; Memória; Bio(necro)política; Educação e afeto; Escritas-encontros.

## “THE AIDS MEMORIAL”: Stories of love, losses and remembrances in pedagogies of affections

**Abstract:** In the covid-19 pandemic, when we experience distances, missings and countless mournings caused by bio(necro)politics, we pay attention to the virtual memorials. Drifting, we come across “THE AIDS MEMORIAL” which addresses another pandemic, the HIV/AIDS. From this meeting between our bodies and the Instagram page of the online memorial, we thought about pedagogies of possible affections. We chose twelve posts and, together with them, we produced writings-encounters, giving way to the affections that asked for an outlet in us. Finally, we think that the page, by cultivating memories through “stories of love, loss and remembrances”, makes it possible to establish pedagogies of affections that break politics of silencing, invisibility and death, allowing resistance in life potencies.

**Keywords:** HIV/AIDS; Memory; Bio(necro)politics; Education and affection; Writings-encounters.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia ([tiagoamaralsales@gmail.com](mailto:tiagoamaralsales@gmail.com))

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia ([danielafranco@ufu.br](mailto:danielafranco@ufu.br))

*Em memória de tantos que se foram... Em memória de todas  
as pessoas que morreram em decorrência das pandemias de  
covid-19 e aids.  
Para os que vivem em nós e conosco.*

Escrever sobre memória e ausência em 2021 é lembrar de tantos que se foram. Após mais de um ano de pandemia de covid-19<sup>3</sup>, nossos cotidianos se preenchem de ausências, lutos e saudades. Olhamos para os lados e (não) vemos muitos que não estão mais fisicamente vivos, mas povoam nossas memórias, vidas e trajetos. Ausências... Este é um texto sobre ausências que se entretecem com presenças. Talvez, cada ausência permaneça sempre presente nos afetos<sup>4</sup> dos corpos que permanecem vivos, nos objetos que aguçam memórias e na singularidade que habita nessas existências.

O número de mortes em decorrência da covid-19, no Brasil, segue aumentando vertiginosamente. Um cenário caótico apresenta-se sufocantemente quase sem saída. Respirar torna-se, a cada dia, mais difícil. Nas lembranças, encontramos forças para seguir. Os lutos se acumulam e são diversos. Dentre eles, os lutos por pessoas que faleceram em decorrência de infecções virais impulsionadas por posicionamentos políticos, negacionismos e descasos estatais.

Talvez seja possível relacionar esses contextos de extermínio pandêmico com o que Michel Foucault chamou de racismo de Estado ao pensar no desenvolvimento do nazismo: “um racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (2005, p. 73). Esse racismo de Estado consiste em um “racismo biológico e centralizado” (FOUCAULT, 2005, p. 96).

Posturas estatais movimentam uma máquina de morte que tritura vidas e, em especial, ceifa principalmente os corpos idosos, pobres, negros e que vivem em contextos socioculturais e com condições de saúde que os vulnerabilizam.

---

<sup>3</sup> Outro texto em que pensamos na pandemia de covid-19 é “Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga” (SALES; ESTEVINHO, 2021). Nele, também traçamos conexões, de maneira breve, entre as pandemias de covid-19 e de aids.

<sup>4</sup> A filosofia da diferença e, em especial, o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, permeia toda nossa escrita. Assim, diversos conceitos propostos e trabalhados pelos autores aparecem neste texto, tais como: afeto, território, matilha, zigue-zague, encontro, molecular, agenciamento, devir, maior, menor, multiplicidade, dentre outros. Optamos por não referenciá-los um a um, mas deixar demarcado que essas leituras e conceitos atravessam todo este corpo-texto.

Talvez, os movimentos necrófilos estatais, que, inicialmente, começaram movendo-se com o desejo de descartar vidas que pouco ou nada valiam para fortalecer o capital, tenham se descarrilhado em políticas de morte que afetam toda a população, sem, obviamente, deixar de afetar mais alguns corpos do que outros. Assim, enquanto esse extermínio acontece, os lutos vão se acumulando.

O racismo de Estado faz parte de uma gama de tramas em torno do controle da vida que Foucault chamou de biopolítica. O filósofo camaronês Achille Mbembe, pensando nessas questões da biopolítica e do biopoder que são insuficientes “para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte” (2018, p. 71), propõe o conceito de necropolítica: uma política que movimenta-se pela gestão da morte.

O filósofo Sílvio Gallo, ao pensar no Brasil contemporâneo e na pandemia de covid-19, diz que vivemos uma bio(necro)política, território em que se misturam a gestão da vida e a gestão da morte, indo além do que Foucault colocou como racismo de Estado e biopolítica, e Mbembe como necropolítica:

Essa posição dupla, de afirmação da vida e afirmação da morte ao mesmo tempo, põe manifesta uma fissura na sociedade, uma divisão feita pelo governo entre aqueles que vão ser protegidos e ter a vida garantida e aqueles que, fora dessa categoria, podem morrer. E assim vemos uma dupla maquinaria política em ação; paralelamente a uma gestão biopolítica para uma camada da população, uma gestão necropolítica para outra parcela, aquela dos negros, dos pobres, dos mais velhos, juntamente àqueles que mais necessitam do apoio do Estado. É uma política deliberada para fazer morrer aqueles que são mais caros e fazer viver aqueles que, pela capacidade produtiva, podem pagar mais impostos. Em nossa visão, não se trata simplesmente do efeito de um racismo de Estado que Foucault apontou, pois não aponta a colocar um grupo populacional à margem e apontá-lo como perigoso para o conjunto social. Se trata, pelo contrário, de fazer uma gestão política da morte, de governar pela morte. E como isso se faz no mesmo território em que o Estado opera também um governo da vida, uma biopolítica, nos parece interessante pensar a situação como uma bio(necro)política, evidenciando que a necropolítica está incrustada no seio da biopolítica. Mesmo que sejam conduções de condutas distintas e mesmo contraditórias, operam em conjunto, uma influenciando diretamente na outra (GALLO, 2021, p. 8-9, tradução nossa<sup>3</sup>).

---

<sup>3</sup> O trecho original encontra-se em espanhol.

Nesses territórios bio(necro)políticos, os lutos vão se acumulando em camadas interconectantes. São também lutos pelo tanto que não cabem mais em nossas rotinas, pelas diferenças que se instauraram em nossos cotidianos e radicalmente os alteraram. Lutos que povoam nossos corpos, casas e trajetos. São territórios também povoados por desejos de mudanças, desejos de vacinas, desejos de saídas, desejos de curas e por esperanças que habitam nossos cotidianos, dando-nos fôlego para continuarmos a caminhar.

Em tempos de ausência, a própria ausência torna-se presença. Assim, podemos pensar na composição ausência-presença, compondo paisagens corporais e afetivas diversas. Inspirados em Paulo Buenoz (2009), são tantas as ausências nesses cenários que apresentam-se como desertos subjetivos pandêmicos, mas, como Gilles Deleuze e Félix Guattari nos lembram: “o deserto é povoado” (2011, p. 56). Assim, mesmo imersos em desertos bio(necro)políticos, colocamo-nos atentos para vermos as multidões que povoam nossos territórios e, conosco, compõem paisagens possíveis de existir vida.

Nas ausências de contatos físicos, em momentos de lutos, encontrarmo-nos em meio ao deserto-pandêmico foi possível por meio das tecnologias digitais. O pesquisador argentino Jorge Dubatti, ao pensar nas possibilidades de se experienciar o teatro em tempos pandêmicos, discute, no início de 2020, acerca das culturas conviviais e tecnoviviais. O autor afirma que:

Chamamos cultura convivial aquela que se baseia ancestralmente no encontro territorial de corpos presentes, na presença física, e de cultura tecnovivial, aquelas ações em solidão ou em encontro desterritorializado, que são realizadas por recursos neotecnológicos (áudio, visual e audiovisual), numa presença telemática que permite a subtração do corpo físico (DUBATTI, 2020, p. 11).

Dubatti (2020) reflete as diferentes possibilidades de encontros e experiências em convívios e tecnovívios. O tecnovívio não substitui o convívio, mas torna-se um caminho possível dos contatos e trocas em movimentos de segurança, impedindo contágios virais. Nesses meios tecnoviviais, algo que percebemos que sutilmente destacou-se em meio aos incontáveis lutos foram os memoriais digitais. Estes configuram-se como territórios de memória, lembrança, luto coletivo e despedida. Com a ausência de velórios, enterros em caixões lacrados e barreiras sanitárias afastando o calor dos corpos, atuam como possibilidades de lembrar dos que se foram, em atos políticos tecnoviviais.

Diversas páginas, em diferentes meios digitais, direcionam sua atenção para divulgar fotos e histórias das pessoas que morreram em decorrência da covid-19<sup>6</sup>. Navegar por estas é entrar em contato com fotos, narrativas, nomes, histórias e vidas pausadas por um genocídio que segue em curso no país, mostrando rostos e divulgando histórias de algumas vidas que foram caladas dentre as centenas de milhares de mortes no país. Nas redes sociais, somos bombardeados por notícias e memórias de tantos que, incessantemente, sucumbem às políticas de morte instauradas na pandemia. Viver em meio a isso tem significado arrepiar-se diariamente com os afetos em nós agenciados por tantas notícias de vidas que perderam a capacidade de respirar. São perdas e mais perdas que não param de acontecer.

Ao visitar essas páginas configuradas como memoriais digitais, nos deparamos com o *THE AIDS MEMORIAL*<sup>7</sup>, dedicado a uma outra pandemia que está em curso há quatro décadas, ceifando tantas vidas: a de HIV/aids. No início de 2021, o número de óbitos pela covid-19, no Brasil, superou o de mortes em decorrência da aids, que, até o fim de 2019, contabilizava “349.784” (BRASIL, 2020, p. 24). No mundo, cerca de 32 milhões de pessoas morreram até 2019 graças à aids, sendo 690 mil somente naquele ano (UNAIDS, 2020). Atualmente, também segundo a UNAIDS (2020), aproximadamente 38 milhões de pessoas vivem com HIV/aids no mundo.

A pandemia de HIV/aids continua em curso, resultando em perdas de vidas físicas, na medida em que, por estar atrelada intensamente a um estigma que marca os corpos infectados e suas existências, também leva a mortes em vida, ou o que Herbert Daniel (DANIEL; PARKER, 2018) chama de “morte civil”. Se no passado infectar-se pelo vírus era uma sentença de morte, hoje avanços biomédicos possibilitam tratamentos que garantem qualidade de vida para os sujeitos que vivem com o vírus, permitindo que atinjam a indetectabilidade, logo, também, a intransmissibilidade por vias sexuais, impedindo que adoeçam, desenvolvam a aids e morram devido à infecção. Mas se tanto avançou-se no que diz respeito às possibilidades de detecção, tratamento e prevenção do HIV e da

---

<sup>6</sup> Algumas páginas são o [Memorial Inumeráveis](#), o [Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil](#), o [Memorial aos médicos que se foram durante o combate à covid-19](#) (Acessados em 08/05/2021). Páginas diversas nas redes sociais, como sindicatos de diferentes categorias, também compartilham fotos e histórias de pessoas que morreram em decorrência da pandemia.

<sup>7</sup> O endereço do memorial online *THE AIDS MEMORIAL* é <<https://www.instagram.com/theaidsmemorial/>>. No dia sete de julho de 2021 possuía 190 mil seguidores e havia publicado 8933 postagens.

aids, por que tantos continuam morrendo diariamente? Esse cenário mostra outras facetas do que Gallo (2021) colocou como bio(necro)políticas.

Falar de HIV/aids é falar também de invisibilidade, negligências, silêncios, silenciamentos e mortes de populações marginalizadas. Fernando Seffner e Richard Parker (2016), ao pensarem no contexto brasileiro de enfrentamento da epidemia, afirmam que as políticas do país em HIV/aids se consolidam na tensão constante entre fazer viver e deixar morrer, inspirados em Michel Foucault:

Nosso diagnóstico caminha pela percepção de que as políticas públicas brasileiras em saúde lidam, atualmente, com a epidemia de aids nos dias de hoje na permanente tensão entre o fazer viver (ampliação da oferta de exames para conhecimento da situação sorológica e oferta universal da medicação antirretroviral) e o deixar morrer (reforço das situações de estigma e discriminação às populações vulneráveis) (SEFFNER; PARKER, 2016, p. 2).

Nessas tensões de fazer viver e deixar morrer, os autores, em diálogo com conceitos de Boaventura de Sousa Santos e Judith Butler, propõem que ocorre um desperdício da experiência e precarização da vida das pessoas vivendo com HIV/aids no país (SEFFNER; PARKER, 2016). Nesse contexto, as políticas estatais colocam os corpos transgressores das normas em situações de marginalização, tornando-os mais vulneráveis à infecção pelo vírus, adoecimento e morte pela aids:

Em geral, afirma-se que transgredir a norma implica aumentar a vulnerabilidade pessoal. Estaria aí o exemplo dos homossexuais, mais infectados pela epidemia, por conta de terem “decidido” viver uma vida que afronta a norma. Por outro lado, vem também, das estatísticas da aids, a informação de que mulheres casadas, fiéis a seus maridos, com vida conformada à norma, experimentam vulnerabilidade à infecção pelo HIV. A vulnerabilidade de que falamos aqui é uma relação, não uma essência de pessoas ou grupos. Todos estamos sempre sujeitos à vulnerabilidade e, no dizer de Judith Butler, todos temos vidas precárias. Não há situação de invulnerabilidade, e a vulnerabilidade não tem como ser erradicada, ela pode ser bem gerida, e consideravelmente diminuída (SEFFNER; PARKER 2016, p. 6).

Cruzar as linhas normativas socialmente construídas coloca um corpo em uma zona de perigo. Barreiras subjetivas são construídas, afastando os corpos dissidentes do acesso à informação, possibilidades de prevenção e tratamento, na medida em que também reforçam o estigma que mata em vida. Nessas tramas

que permeiam o HIV e a aids, Seffner e Parker (2016) propõem retomar a noção de solidariedade, historicamente construída no movimento social de HIV/aids, como possibilidade de lidar com essas instâncias de vulnerabilização das vidas:

*A luta pela redução da vulnerabilidade pode ser pensada como exercício de solidariedade, e essa luta é influenciada pelos recursos postos à disposição para esse exercício. A vulnerabilidade está, antes, relacionada com arranjos institucionais e sociais mais do que com características pessoais, e nesses arranjos podemos mexer. A vulnerabilidade sempre está lá, então se necessita de solidariedade. Solidariedade é um horizonte de obrigações, derivado do reconhecimento da vulnerabilidade comum a todos. A vulnerabilidade não está, de modo essencial, no corpo da mulher, do jovem negro, do indivíduo gay, das travestis, transexuais ou transgêneros, do usuário de drogas, mas nas relações sociais que constroem essas vidas como vidas que não importam (SEFFNER; PARKER 2016, p. 6, grifos nossos).*

A dimensão da vulnerabilização da vida, como refletem Seffner e Parker (2016), não são essências que acompanham determinados corpos, mas produções das relações sociais. A invisibilidade dos grupos vulnerabilizados e das instâncias que atuam na intensificação de suas vulnerabilidades compõe políticas de morte. Esses grupos, desde o início da pandemia, são corpos dissidentes, marginalizados e tidos como descartáveis: negros, gays, travestis e transexuais, prostitutas, usuários de drogas, populações em situação de rua e em pobreza. E, em cidades solitárias, como materializa em palavras Olivia Laing (2017, p. 52): “Eu conseguia esquecer minha tristeza, tornando-me tão porosa e sem bordas quanto a neblina”.

Por impactarem inicialmente, em maior intensidade, justamente esses corpos já marginalizados, o HIV e a aids foram a eles associados, criando a noção estigmatizante de “grupos de risco”. Os movimentos sociais de HIV/aids muito lutaram para deixar no passado esse termo estigmatizante, mas, com a pandemia de covid-19, ele voltou com força - ou talvez jamais tenha ido embora - nos diálogos cotidianos, criando outros equívocos associados a essa nova doença, como crer que jovens sem o que se categoriza como “comorbidades” não poderiam sofrer com sintomas graves e até morrerem caso fossem infectados.

Sobre os grupos de risco, Eduardo Jardim afirma que essa noção “era uma indicação estatística”, mas “com a chegada da aids, vários outros significados se agregaram”, e “a noção de grupo de risco deixou de ter um valor estatístico e passou a designar entidades culturalmente definidas, como os homossexuais ou

os usuários de drogas injetadas” (2018, p. 44). O autor continua, afirmando que “estas comunidades, definidas na forma de tipos - o gay, o drogado - já não eram consideradas sujeitas a risco, mas passaram a ser elas próprias um perigo para o resto da população” (JARDIM, 2018, p. 44). Jardim afirma que esse termo teve “efeitos desastrosos”, levando ao alastramento da epidemia em outros grupos, na medida em que reforçava “a discriminação de setores da população, especialmente os homossexuais masculinos” (JARDIM, 2018, p. 45).

Sobre o termo “grupos de risco”, Anselmo Alós afirma que:

Nos primeiros tempos da avassaladora crise de aids no mundo, quando ainda não se conhecia exatamente quais eram suas causas e seus meios de transmissão, e ainda se falava de “grupos de risco” ao invés de “práticas de risco”, a equação aids = morte configurava-se como inevitável. Olhava-se com suspeita para todos os sujeitos classificáveis como pertencentes aos “grupos de risco”: homossexuais (especialmente os homens homossexuais), hemofílicos, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo (independentemente de suas identidades de gênero) (ALÓS, 2019, p. 1).

Até hoje, as marcas das associações de grupos com a pandemia de HIV/aids impedem a reflexão acerca das tramas que vulnerabilizam tantas vidas, na medida em que continua movimentando a máquina mortífera do estigma. “Corpos tidos como ‘grupos de risco’ são (...) corpos que são vulnerabilizados às epidemias, mas jamais podem ser compreendidos como os únicos por elas passíveis de serem infectados - e até levados a óbito” (SALES; ESTEVINHO, 2021, p. 285). E, menos ainda, esses corpos vulnerabilizados podem ser colocados como responsáveis pela pandemia, culpabilizados e violentados por viverem em contextos político-sociais-culturais-subjetivos que intensificam suas vulnerabilidades.

Seffner e Parker propõem que se pense em um mundo com aids, não de pessoas com o vírus:

Vivemos em um mundo com aids, o que é uma perspectiva política diferente de pensar um mundo com alguns indivíduos portadores do HIV. Mais do que problemas com eventuais gestores, todos eles sempre de passagem, o que temos de apostar é em uma mudança na ontologia da resposta, do individual ao coletivo. Se há uma vulnerabilidade coletiva, então teremos uma resposta coletiva (SEFFNER; PARKER, 2016, p. 9-10).



Um mundo com aids... Pensar neste planeta como espaço no qual convivemos com diversos outros seres humanos e não humanos e, dentre eles, o HIV. Pensar na aids como doença de todos, não de alguns grupos específicos. Esses posicionamentos possibilitam romper barreiras moralizantes e estigmatizantes que segregam e matam. Para fazer isso, Seffner e Parker (2016) propõem que as respostas sejam coletivas. Movimentos em matilha que possibilitem quebrar silêncios e invisibilidades. O silêncio, como denunciava o ACT UP, coletivo de luta em defesa das vidas impactadas pela aids, é igual a morte<sup>8</sup>. Em meio a tantos silêncios e processos de silenciamento, falar e cultivar memórias são atos de resistência, de políticas em direções de vida.

Caetano Veloso, no início da década de 1990, cantava em movimentos de protesto:

Veados americanos trazem o vírus da AIDS para o Rio no carnaval. Veados organizados de São Francisco conseguem controlar a propagação do mal. Só um genocida potencial - de batina, de gravata ou de avental - pode fingir que não vê que os veados - tendo sido o grupo-vítima preferencial - estão na situação de liderar o movimento para deter a disseminação do HIV<sup>9</sup>.

Para além da reflexão acerca do fluxo entre *viajantes-veados* e o *vírus da aids*, esses povos mais impactados, graças às suas organizações, enfrentaram e continuam em embates com os tantos genocidas e genocídios que os querem mortos. O cultivo da memória assume-se como força de resistência e enfrentamento dessas linhas de instauração de morte. Em nossas escritas que se fazem em zigue-zagues, novamente chegamos aos memoriais, territórios-coletivos férteis em germinação de afetos, espaços povoados de lembranças e memórias. Assim como hoje ocorre com as pessoas que morreram em decorrência da covid-19, memoriais para as mortes pela aids existem há décadas<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Sobre o ACT UP, Eduardo Jardim afirma que “um pequeno círculo se formou em Nova York, reunindo-se todas as segundas-feiras à noite, com o objetivo de providenciar suporte material e psicológico para a população doente. Em seguida, foram criados meios de forçar o governo e os laboratórios farmacêuticos a acelerar a produção e a comercialização de medicamentos. Àquela altura, a única droga disponível era o AZT, extremamente tóxica e nem sempre eficaz. Seria preciso esperar mais dez anos pela liberação de novos remédios. Por este motivo, os dois lemas da organização foram: ‘Silêncio = Morte’ e ‘Remédios em nossos corpos’” (JARDIM, 2019, p. 24).

<sup>9</sup> Música “Americanos”, de Caetano Veloso.

<sup>10</sup> Um exemplo de memoriais físicos que existem para as mortes em decorrência da aids é o *The New York City AIDS Memorial* <<https://www.nycaidsmemorial.org/>>, em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Para a escrita deste texto, decidimos pensar junto ao *THE AIDS MEMORIAL*. O memorial *online* compartilha fotos, histórias, lembranças e homenagens a pessoas que morreram em decorrência da aids ou que tiveram suas vidas marcadas pelo HIV e a aids, sejam elas famosas ou não, escritas por parentes e amigos. Também são compartilhadas experiências de pessoas que vivem e convivem, hoje, com HIV/aids - ativistas, artistas, profissionais da saúde, entre outros. Para os que produzem e se encontram com as publicações do memorial, esses tantos que se foram continuam vivos em suas memórias, na medida em que a pandemia de HIV/aids permanece em movimento e afetando suas vidas. Disponibilizada na plataforma digital *Instagram*, a referida página possui centenas de milhares de seguidores que interagem com suas publicações.

Nos colocamos em movimentos de pensar junto das postagens lá publicadas, em derivas, perdendo-nos e nos encontrando com afetos diversos pelas intensidades das histórias, imagens e memórias compartilhadas. Inspirados pelas possibilidades de pesquisa cartográfica de Suely Rolnik (2016), colocamos-nos à escuta dos afetos que nos atravessaram e pediram passagem nesses encontros. Quanto a essa questão do afeto, de acordo com Rolnik (2018, p. 53), “não se trata aqui de uma emoção psicológica, mas sim de uma ‘emoção vital’, a qual pode ser contemplada nessas línguas pelo sentido do verbo afetar - tocar, perturbar, abalar, atingir; sentido que, no entanto, não se usa em sua forma substantivada”.

Na percepção e vazão desses afetos, produzimos escritas-encontros das memórias lá agenciadas, aos testemunhos, ao arquivo ali materializado. Nos contaminamos com as narrativas presentes no memorial, misturando-as com nossas vidas e trajetórias, dialogando com a vida, mesmo que virtual, que existe em cada postagem. Compomos diálogos-afetivos em intensidades.

Pensamos, assim, que esses movimentos desencadeados pelo encontro com tantas narrativas presentes na página e as memórias lá tecidas comporiam o que chamamos de pedagogias dos afetos: educações pelo afetar-se com histórias que fizeram uma vida e continuam reverberando em tantas outras, por lembranças-vivas, por fotografias e escritas que transbordam. Também entramos nesses movimentos-pedagogias afetivas pelos nossos corpos e subjetividades em contato com tantos outros corpos e subjetividades, em tecnovívios, mediados por tecnologias digitais.

“Quantos somos? Quantos podemos ser? Quantos de mim e quantos de nós?” questiona Buenoz (2009, p. 268). Quantos? Quantos nos tornamos pelos encontros com histórias afetadas pelo HIV e pela aids? Quantos fins por um vírus? Quantas mortes por necropolíticas? Quantas posturas biopolíticas? Quantas tramas necro(bio)políticas? Quantas fugas seriam necessárias para romper com pedagogias maiores que instauram políticas de silenciamento, morte e exclusão? Quantos (re)começos são possíveis? Poderiam ser essas derivas-afetivas, em pedagogias dos afetos, possibilidades de romper, mesmo que de forma molecular, com as tramas de morte? Como afetar-se em direções de vida quando a morte é protagonista? Como utilizar a força dos afetos que nos atravessam para cultivar a solidariedade há tanto tempo defendida pelos movimentos de luta em defesa da vida das pessoas com HIV/aids? Seria possível deslocar e, quem sabe, fugir da dimensão (in)evitável da morte relacionada hoje ao HIV/aids sem invisibilizá-la nem diminuir a seriedade e gravidade da pandemia? Quais narrativas outras são hoje possíveis?

## THE AIDS MEMORIAL: ESCRITAS-ENCONTROS

Adentrar um território de memórias. Com um corpo-vibrátil, como chama Suely Rolnik (2016), deixar-se poroso para os afetos em nós engendrados pelos encontros. Encontros-memórias, encontros-histórias, encontros em platôs, desníveis e intensidades variadas. Encontros-afetivos. No memorial, nos encontramos com imagens e escritas cheias de vida em composições-intensidades, em narrativas de “amor, perda e lembrança”<sup>11</sup>, como está na descrição da página virtual. Pelos encontros, criamos narrativas para materializar o que transborda e vaza em palavras-afetos, por meio de escritas-encontros<sup>12</sup>.

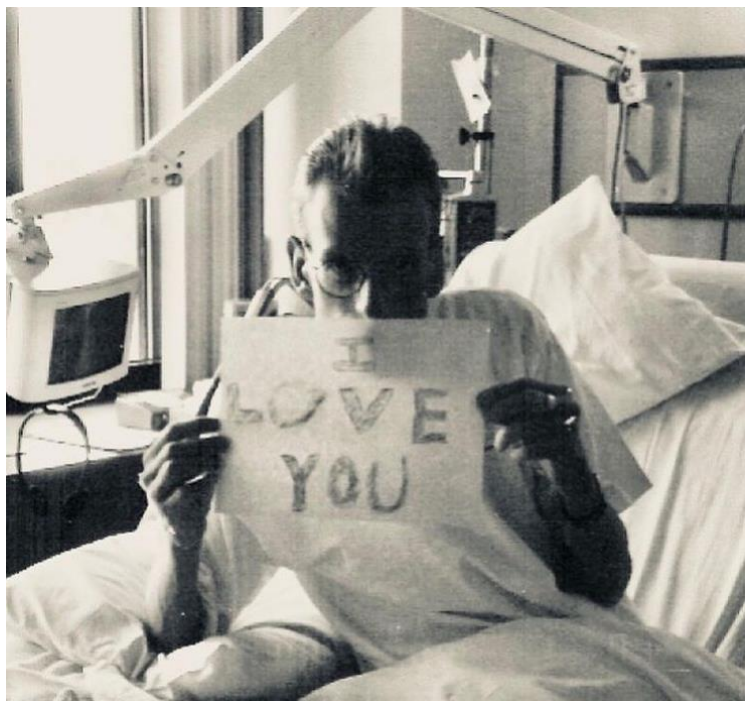
### Eu te amo

John, ver sua foto nos afeta com a força de uma declaração em meio ao deserto-hospitalar-pandêmico. O amor germina, rizoma e nos conecta. John, hoje os tempos são outros. Muitas pessoas ainda morrem de aids no mundo, mas já temos tecnologia suficiente para que ninguém mais morra em decorrência dos efeitos da infecção pelo HIV. Sim, ninguém mais precisaria morrer de aids no mundo, mas centenas de milhares de pessoas ainda morrem anualmente.

<sup>11</sup> A página [THE AIDS MEMORIAL](#) tem como descrição “Stories of Love, Loss & Remembrance #whatisrememberedlives”, sendo as palavras que inspiraram o título deste texto. Acessado em 17/05/2021.

<sup>12</sup> As escritas-encontros aqui produzidas também foram posteriormente traduzidas e postadas nas respectivas publicações do memorial, como movimento de manter vivo os afetos que em nós transbordaram.

Obrigado pela mensagem de amor! Seja para quem for que foi escrita, ela também nos atravessa em sua força das letras maiúsculas e na sutileza de uma declaração. John, seus olhos me veem em profundidade e sentimos aqui o seu apelo amoroso, para que façamos urgentemente o que nossos corpos vivos podem. E, por você, hoje, vamos escrever bilhetes com *I love you* e entregar a quem amamos.

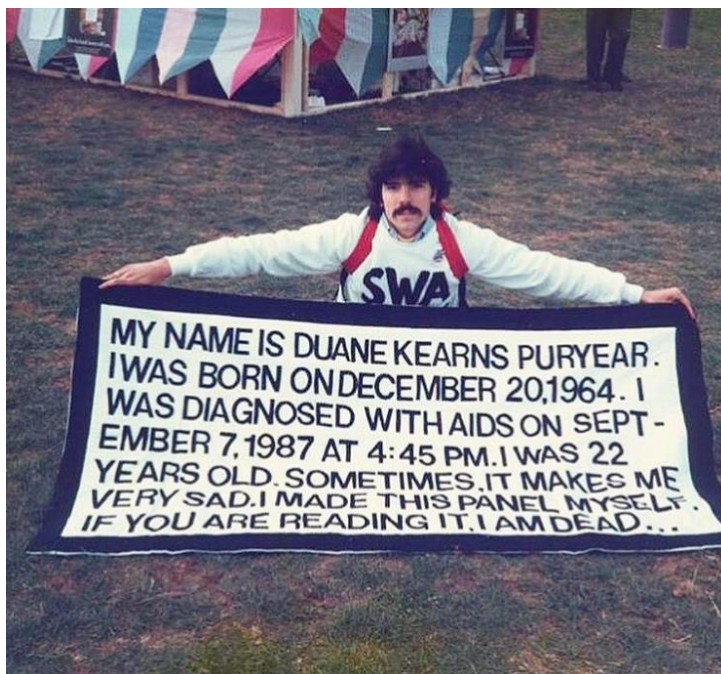


**Imagem 1** - Declaração. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 02/12/2020. Acessado em 29/05/2021.

### **Se você pode nos ler, saiba que muitos se foram**

Duane, nós ainda podemos te ler. E muito nos dói saber que você está morto fisicamente, mas saiba, onde quer que você esteja, que, mais de trinta anos depois, suas palavras ainda ressoam, sua imagem permanece nos deslocando para um outro lugar ainda sem nome. Talvez seja o lugar de um desconhecido arrebatador: a morte certa. Refletimos no que imaginamos que você sentiu após seu diagnóstico HIV positivo e adoecimento pela aids... na dor da (in)certeza

do fim de uma vida, de um mundo que se silencia e fecha os olhos para sua dor. Infelizmente, além de muitos continuarem morrendo fisicamente hoje, a aids também mata tantos em vida, estigmatizando-os, ceifando possibilidades de uma existência digna. São indignações que você bem deve ter conhecido. Seguimos lutando, e você, onde quer que esteja, permanece em forças conosco. Em luta a partir de imagens que agenciam movimentos de denúncia para duras realidades que continuam matando. Que os seus braços que seguram esse cartaz possam nos abraçar em força.



**Imagem 2** - Vida-morte-protesto. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 20/12/2020. Acessado em 17/05/2021.

## Desconhecidos

Pequeno Robert, queríamos poder te conhecer, conversar com você. Quanto você deve ter para contar... Nos deixou tão cedo, com apenas 16 anos, antes do começo dos anos 1970. Nem se sabia ainda o que era aids, mas o vírus já circulava pelos corpos. Já era um mundo vivendo com a infecção e o

adoecimento, mas será que era um mundo vivendo com aids? A aids ainda não havia sido criada quando você adoeceu. Ficamos pensando no que escutou de seus médicos, nas incertezas de um tratamento totalmente às cegas, antes da produção médico-cultural-subjetiva do discurso-aids. Também pensamos no que você viveu, nas suas dores e delícias... Como não podemos te escutar, pensamos. Fabulamos histórias em nós para dar conta, talvez, de criarmos narrativas de uma vida e morte com aids nos anos sessenta. Sentimos muito pelos sonhos que você não pôde realizar e pelos tantos outros que, como você, partiram tão novos. Nos dói saber que a aids, ainda hoje, ceifa mais vidas negras, como a sua. Sonhamos com um mundo diferente. Quem sabe...



**Imagem 3** - Partidas precoces em um mundo pré-aids. Produção de [Justin Teodoro](#), publicada no [THE AIDS MEMORIAL](#) no dia 03/02/2021. Acessado em 17/05/2021.

### Para uma mãe que partiu

Antoinette, 29 anos atrás, você se foi e deixou três órfãos no mundo. Mesmo que seus filhos já não fossem mais crianças, a perda de uma mãe é sempre um devir-órfão, um silêncio e vazio imensos povoados pela força de tudo que

permanece. Nas palavras e registros deles, percebemos que, mesmo com sua ausência física, você continua viva em suas lembranças, no amor e na perseverança de suas vidas. Nesse registro, poucos dias depois de semanas que você passou no suporte de vida, em meio a tubos e uma escrutinação intensa do corpo pelos mecanismos hospitalares, você transparece vida. Você está viva em uma insustentável leveza, nos registros de um caminho para a morte. Não estaríamos, todos nós, nesse caminho? Pensamos nas tantas mães, como você, que se foram pela aids. Quantas partidas... São incontáveis órfãos, já que, ainda hoje, a aids é uma das principais causas de morte de mulheres no mundo. Quanta dor, quanto luto... E no seu rosto, uma vivacidade contagiante.



**Imagem 4 - Vivacidades.** Imagem publicada no [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 26/02/2021. Acessado em 29/05/2021.

### **Para que outros não morram sozinhos**

Clair, queríamos te dizer que hoje ninguém mais morre de aids, mas isso seria mentira. E se ainda morrem tantos, queríamos pelo menos poder falar que

não morrem mais sozinhos, como você, aos 26 anos, abandonado por uma família religiosa ao se infectar e adoecer por um vírus tido, naquela época, como praga e maldição. Não podemos te dizer nenhuma das duas coisas que queríamos e, muito menos, que o vírus deixou de ser associado à peste e ao horror, ou de ser motivo de exclusão. Devido a isso, muitos ainda padecem por essa infecção que pode ser controlada e morrem sozinhos. As tecnologias para controle do vírus se desenvolveram muito desde 1986, ano em que você morreu, mas ousamos dizer que o estigma ainda permanece extremamente próximo do que você sentiu. As manchas do sarcoma de Kaposi marcaram preconceitos na sua pele e em milhões de outros corpos imunossuprimidos. Queríamos te dizer tanto, mas não conseguimos. Queríamos te abraçar, mas não podemos. Desejamos um mundo em que ninguém morra sozinho, independente da causa. Desejamos, sonhamos e esperamos... Quem sabe...



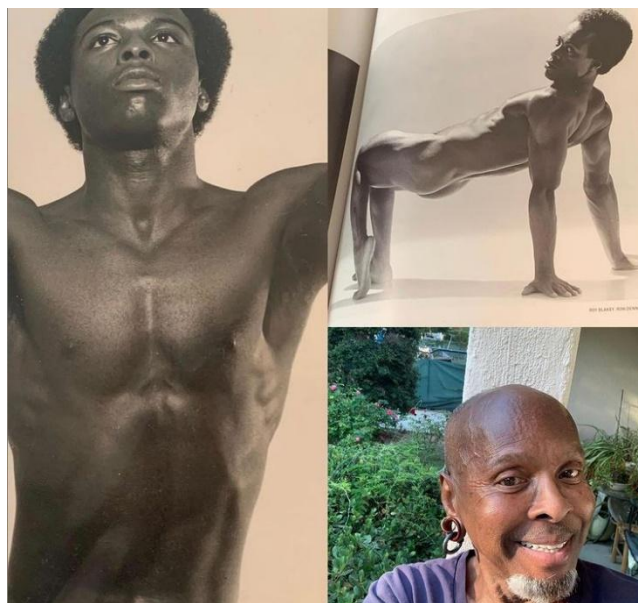
**Imagem 5** - Marcas. Imagem publicada no [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 16/03/2021. Acessada em 29/05/2021.

**(Sobre)viver**

*Eu vi a cara da morte e ela estava viva. Viva...  
Cazuza - Boas Novas*



Viver... Sobreviver... Palavras sobre a vida, sobre viver. Ronald, você é um (sobre)vivente! Com mais de 36 anos de infecção, você sobreviveu e continua vivendo com um sorriso, mesmo com o adoecimento que passou, com a ausência de toda uma geração de amigos seus que se foram, com o estigma que perdura, com o racismo que vulnerabiliza, com uma sociedade que mata. Mas você vive! Vive nos sorrisos, na força de um corpo que persevera, que resiste a tantas epidemias, pandemias e sindemias. Em seu sorriso e força de vida, você subverte uma lógica que marca corpos com rótulos de sobrevida, mostrando que, mais que sobreviver, é possível viver com potência. E com sua força, também nos fortalece, em movimentos de esperança por menos sobrevida e mais vida com potência. Lamentamos que a sua mãe tenha falecido de covid-19 aos 98 anos e meio. Um abraço, com carinho!



**Imagem 6** - Viver e resistir. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 18/05/2021. Acessado em 29/05/2021.

**Por tantos...**

*Com tanta gente que partiu  
Num rabo de foguete...  
João Bosco e Aldir Blanc - O bêbado e a equilibrista*

Por Cazuzu, Caio Fernando Abreu, Henfil, Betinho, Herbert Daniel, José Leonilson, Lauro Corona, Sandra Bréa, Michel Foucault, Freddie Mercury... Jorge, João, Keyla, Maria, Ricardo, Pedro, Joaquim... “Stephen, Don, Craig, Paul, Steve, Rick, Ollie, Kenny, Carl, Richard, Al, Paul, Tom, Bob, Howard, Fritz, Lee, Rand, Fred, Peter, Michael, Glenn, Ted, Larry, Kevin, David, Ron, Richard, Tom, Joe, Jamie”<sup>13</sup>... Pelos milhões de amigos, amores, filhos, filhas, pais, mães, irmãos e irmãs... Por tantos que se foram... Por tantos que continuam indo...



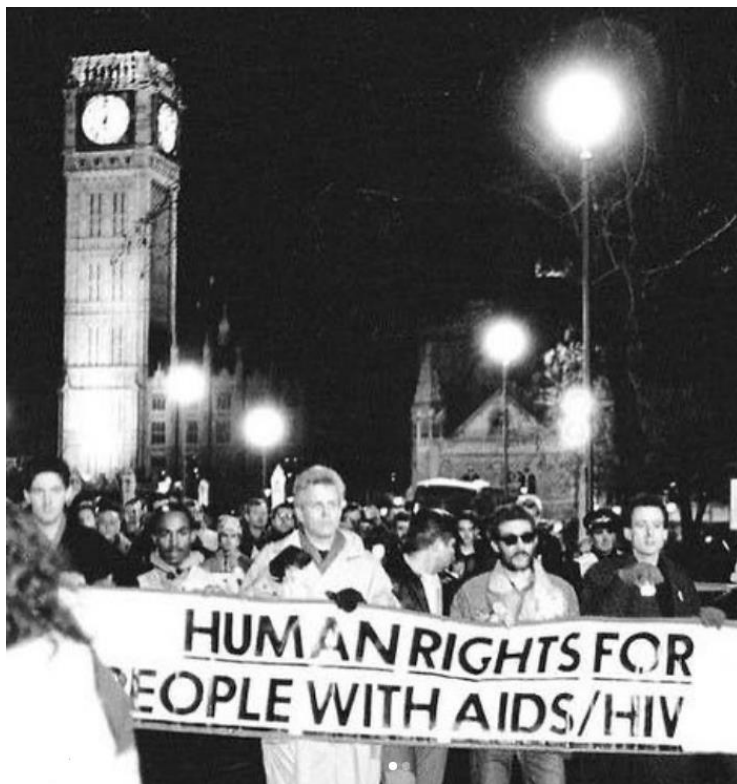
**Imagem 7** - Sorrisos-ausências. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 01/12/2020. Acessado em 29/05/2021.

## Lutar até o fim

Marchando coletivamente, em lutos e lutas. Graças aos seus passos e gritos, muito mudou. Talvez, se não fosse a força de seus gritos, ainda teríamos que

<sup>13</sup> A Imagem 7 foi publicada em primeiro de dezembro de 2020, dia mundial da aids. Ela é dedicada para esses tantos que se foram e tem como legenda “On this [#worldaidsday](#), I celebrate: Stephen, Don, Craig, Paul, Steve, Rick, Ollie, Kenny, Carl, Richard, Al, Paul, Tom, Bob, Howard, Fritz, Lee, Rand, Fred, Peter, Michael, Glenn, Ted, Larry, Kevin, David, Ron, Richard, Tom, Joe, Jamie and all the others.” – by [@larrybakersm](#) [#worldaidsday](#) [#whatisrememberedlives](#)”<<https://www.instagram.com/p/CIRVEfDnyl/>>. Acessado em 27/05/2021.

engolir tantas partidas em silêncio. Vocês se foram<sup>14</sup>, mas deixaram um legado de luta contra a aids. Pensamos se conseguiremos continuar enfrentando as políticas de silenciamento e morte com a garra que vocês tiveram. Por hoje, só conseguimos agradecer a vocês e a todos que lutaram e lutam por um mundo em que não se morra mais por doenças e infecções possivelmente tratadas e controladas, por um mundo menos preconceituoso. Nós agradecemos! Seguimos em luta na criação de outros mundos.



**Imagem 8** - Lutar até o fim. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 12/07/2020. Acessado em 29/05/2021.

---

<sup>14</sup> A legenda da Imagem 8 começa afirmando que “Both these guys died on July 12, 1993.” <<https://www.instagram.com/p/CCjAOAUpUq2/>>. Acessado em 07/07/2021.

## Para um amor que partiu

Cada pessoa que parte é o amor de alguém. É filho, filha, pai, mãe, marido, esposa, namorado, parceiro... Quantos amores retirados por uma pandemia? Quantos corações despedaçados por políticas de morte? Ryan, te lendo sentimos que a partida de um amor, mesmo décadas depois, ainda dói. É uma saudade infinita. Johnathan, seu companheiro, morrendo aos 36 anos... Sentimos muito, de verdade... Sentimos por você, sentimos por todos, sentimos por tantos... Que as nossas palavras possam abraçar o seu peito. Para cada amor que partiu, uma ferida que não cicatriza permanece aberta e uma saudade que marca a vida dos que ficam.



**Imagem 9** - Partidas. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 01/12/2020. Acessado em 29/05/2021.

## Respirar: é possível?

Respirar com tantas máscaras, tantas violências, tantos silenciamentos, tantas perdas, tantos adeus não dados. Respiro-ofegante, tentativa incessante de oxigenar a vida em meio ao ar rarefeito. Racismos, massacres, genocídios, mortes-sem-fim. Protestos? Sua performance-protesto nos inquieta, Jorge. Também sentimos que, às vezes, nos falta ar. Seja pela morte de George Floyd, pelas chacinas de pessoas negras nas periferias brasileiras, pelas centenas de milhares de mortes pela covid-19 no Brasil, pelas milhões de mortes pela aids no mundo... São tantos os motivos para faltar ar, mas é urgente também pensar saídas: saídas pelas máscaras, pelos afetos, pela força-coletiva, pelos protestos e lutas diárias. Saídas por nós, pelos tantos que se foram e para que outros possam permanecer vivos!



**Imagem 10** - Respirar. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 31/05/2020. Acessado em 29/05/2021.

## Para os que vivem: a cura!

*Existirá, em todo porto tremulará  
A velha bandeira da vida  
Acenderá, todo farol iluminará  
Uma ponta de esperança...  
Lulu Santos - A Cura*

Camila, não te conhecemos pessoalmente, mas te admiramos. Queremos lhe agradecer por sua luta e compartilhar um pouco de alguns afetos que nos atravessaram ao ver sua postagem-performance e pensar na dimensão de sonhar e lutar por curas relacionadas ao HIV/aids. Um cantor brasileiro, também latino-americano, como nós, compôs décadas atrás uma música que gostamos muito e se chama “A Cura”. Ele chama-se Lulu Santos<sup>15</sup> e sua composição é uma resposta aos afetos nele agenciados pela pandemia de aids. Naquela época, Lulu se assustava com a proximidade da doença, das mortes, e pensar na cura deve tê-lo ajudado a lidar e suportar tamanha dor e tristeza. Hoje, décadas depois, ainda não existe uma cura definitiva para a infecção pelo HIV que seja possível para todos, mesmo que muito se fale e espere por isso. A aids pode ser evitada e curada, mas a infecção pelo HIV não. Isso não significa que a dimensão de uma luta pela cura seja deixada de lado. Não! Jamais! A cura é uma reivindicação legítima e deve ser pauta de luta, seja no Brasil, na Argentina, na Europa ou nos países da África Sub-Saariana. Mais do que apenas luta, mas também sonho e utopia, desejo e movimento, objetivo de planejamentos e engajamentos. Lulu canta que para todo mal existirá a cura. Pensamos que também é importante lutarmos pela cura do estigma que mata em vida, dos silenciamentos compulsórios, da invisibilidade. Lutar pela cura. A cura é urgente!

---

<sup>15</sup> O cantor e compositor Lulu Santos afirma, em vídeo compartilhado em sua página oficial na plataforma Facebook <<https://www.facebook.com/LuluSantosOficial/videos/1896530063726353>>, que compôs a música “A Cura” como resposta às mortes de aids que o cercavam e assustavam. Durante a pandemia de covid-19, a música foi regravada e lançada novamente.



**Imagem 11 - A CURA DO HIV AGORA MESMO!** Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 27/05/2020. Acessado em 29/05/2021.

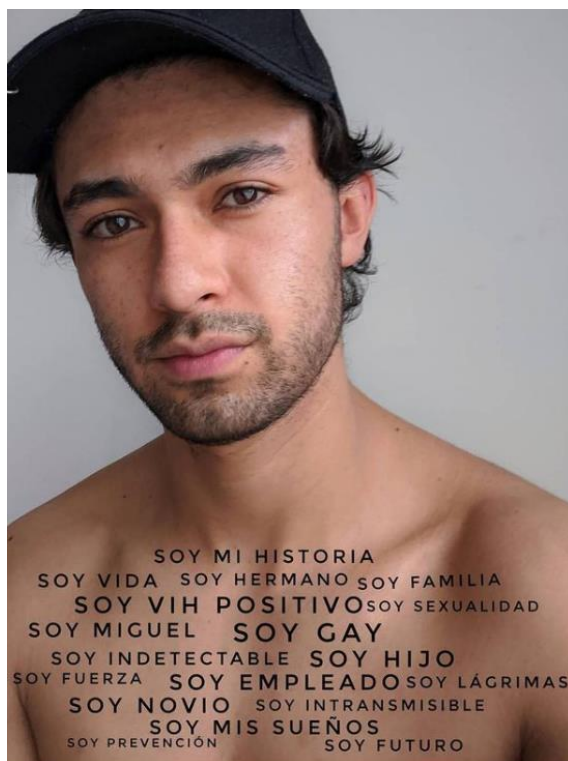
## VIHver

*Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente.*

*Clarice Lispector - Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres (2019, p. 23)*

Mike, ver sua foto e te ler nos lembra que a vida é maior que o HIV e a aids. A vida é maior que o estigma, que a dureza do silenciamento, dos rótulos e

das imposições. A vida é maior: essa é uma máxima que nos move e acreditamos que também seja algo que você sente. Ela é tão maior que pode fraturar todas essas instâncias de dor, morte e sofrimento. Parabéns pelo seu trabalho de falar abertamente sobre sua vida *positHIVa*, sobre suas experiências, rompendo barreiras e quebrando preconceitos. Tenho certeza de que sua foto, junto de seus escritos e posicionamentos, afetou muitas pessoas, estejam elas vivendo ou não com HIV, abrindo caminhos para reflexões de que a vida é maior do que uma infecção e que é possível perseverar apesar de, perseverar com... Com a força e beleza que a vida tem.



**Imagem 12** - Viver apesar de, viver com. Imagem publicada na página [THE AIDS MEMORIAL](#), no dia 16/06/2020. Acessado em 29/05/2021.



## VIDA E MEMÓRIA EM PEDAGOGIAS DE AFETOS

Lembrar para pensar nos corpos vivos, invisibilizados, submetidos às violentas linhas bio(necro)políticas (GALLO, 2021) que controlam existências e conduzem tantas à morte. Refletir nessas tramas, muitas vezes, nos leva a transbordamentos em sofrimentos e desesperanças. Mas seria a desesperança o fim último, rua sem saída quando pensamos nessas políticas pandêmicas? Poderiam os processos de memória, cultivando lembranças, serem embriões de linhas de fuga, criações de rachaduras nessas pedagogias de medo, horror, morte e dor?

Por escrevermos imersos em duas pandemias que se sobrepõem e interconectam - a de aids e covid-19 -, nos percebemos atravessados por afetos diversos que permeiam todos os nossos cotidianos, seja nas máscaras, no álcool em gel, nos preservativos, nos termos potencialmente estigmatizantes como grupos de risco e contaminação, nos medos, perigos, riscos e aversões, nos vocabulários biomédicos como exame PCR, linfócitos, reagente, não reagente, indetectável, carga viral, exame sorológico, PREP, PEP, antiviral, vacinas e... pensamos: existe espaço para memória nesses caos pandêmicos?

Talvez, o espaço para a memória não esteja dado, mas necessite ser construído, forjado por muitas mãos, em palavras que acolham, em imagens que relembrem, em narrativas que fortifiquem lembranças. Assim, no *THE AIDS MEMORIAL*, encontramos histórias extremamente potentes, contaminando-nos em memórias de amor, perdas e lembranças, em narrativas de vida, ausências e presenças, em pedagogias de afetos. As próprias postagens forjam pedagogias afetivas e, ao nos conectarmos com elas, pelas escritas-encontros, criamos textos em educações contaminadas por afetos.

A ressonância com tantas histórias de dor, ausência, amor e saudade que formam esse coletivo invisibilizado e densamente impactado pelo HIV/aids nos sensibilizou, vibrando nossos corpos. A solidariedade, potente ferramenta da luta contra a aids e redução das vulnerabilidades no Brasil (SEFFNER; PARKER, 2016), é também lembrar, cultivar as memórias: memórias-políticas, memórias-afetivas, memórias-resistências. Lembrar é conhecer, é tornar passível de debates o que essas bio(necro)políticas silenciam. Trazer para um primeiro plano a dimensão da morte, a urgência de viabilizar movimentos mais solidários de valorização e defesa da vida, potencializando a dignidade e força da existência em toda sua singularidade.

A produção de discursos e narrativas sobre o HIV e a aids atua na construção das experiências dos corpos afetados pelo vírus, por processos de adoecimento e também pelo estigma, marginalização e tantas outras instâncias das bio(necro)políticas. Sobre essa dimensão das narrativas e discursos, Alós afirma que:

A narrativização e a discursivização da aids são procedimentos epistemológicos de extrema importância política e existencial, uma vez que funcionam como o meio através do qual é possível dar ordem ao caos, dar sentido ao sem sentido da doença, da pandemia e do convívio com o vírus. (...) As narrativas de aids permitem que se experimente a busca pela ordenação, pelo sentido, e por alguma lógica frente à caótica experiência dos acontecimentos ligados à pandemia, ao mesmo tempo em que tentam atribuir sentido ao nonsense da pandemia lida como acontecimento (ALÓS, 2019, p. 5-6).

Produzir narrativas é também criar possibilidades de vida. A partir do nosso encontro com o memorial e suas publicações, percebemos narrativizações e discursividades outras em relação à norma maior, aos discursos biomédicos duros e sociais moralizantes. São narrativas e discursos menores, potentes e desviantes que carregam a força de fraturar narrativas maiores, dominantes, estigmatizantes e que participam da morte de tantos. Ao encontrar-nos com as postagens, também criamos outras narrativas em escritas-encontros, em movimentos de escuta aos afetos que vibravam em nossos corpos com esses contatos entre histórias, imagens, escritas e experiências.

Nos memoriais, espaços importantes de memória e luta no enfrentamento da pandemia de HIV/aids e, agora, na de covid-19, percebemos pedagogias de afetos como linhas de fuga às bio(necro)políticas. Ao focarmos no *THE AIDS MEMORIAL*, espaço tecnovivial, território-*online*, percebemos nele um lugar de fricções, embates e rupturas: rompimento com os processos de invisibilizações-epidemiológicas, de apagamento dos que se foram e das continuidades vigentes das políticas de morte na medida em que cria discursos outros, menores, contaminantes e subversivos.

O memorial foca em narrativas dos Estados Unidos e Europa, porém, também, esporadicamente, publica histórias outras, como as latino-americanas. Mas, mesmo dentro dessas narrativas que aparentemente viriam de um Norte

Global, o memorial consiste em um arquivo-do-Sul<sup>16</sup>, pois como afirma Boaventura de Sousa Santos, “o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (2020, p. 15). O memorial é espaço de memórias de corpos dissidentes, excluídos, marginalizados, mortos diariamente, mortos-fisicamente, mortos em vida, pulverizados por tentativas de silenciamento, mas resistentemente vivos até o último suspiro e também nas lembranças que deixam.

O memorial é resistência. Nas suas narrativas, subverte imagens do que seriam possíveis “caras da aids”, fraturando essas tentativas de construir sólidas representações a partir de histórias plurais. Subverte também o adoecimento e ambiente hospitalar, mostrando que, mesmo na beira do precipício do fim de uma vida, existe vida. E, nessas resistências-subversões, também fratura as imagens de morte, compondo com elas imagens outras, imagens de corpos vivos, vivendo e convivendo com HIV/aids, lutando pela vida, enfrentando estigmas e preconceitos na construção de mundos outros.

A página e seus compartilhamentos são possibilidades de falar do que é insistentemente classificado como indizível: a morte e vida com HIV/aids. Ao romper com os silêncios e silenciamentos impostos, possibilitando falar pelos afetos, pelas ausências, saudades, dores, lembranças, amores, alegrias, presenças e forças, instaura pedagogias afetivas, em potências de vida, de fala e escuta, de compartilhamento, de sensibilidade perante o outro em suas múltiplidades.

## REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Corpo infectado/corpus infectado: aids, narrativa e metáforas oportunistas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-11, 2019. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n357771>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico: HIV/Aids I 2019**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2020>. Acesso em: 20 jan. 2021.

---

<sup>16</sup> Aqui, utilizamos a noção de Norte e Sul inspirada no pensamento de Boaventura de Sousa Santos.

BUENOZ, Paulo Lima. **CorpoCobaia e o Caderno das Contaminações**. Bagoas: Revista de Estudos Gays: Gênero e Sexualidades. v. 3, n. 4, p. 233-270, 2009.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS: A TERCEIRA EPIDEMIA: ensaios e tentativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2018. 146 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. V. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DUBATTI, Jorge. **Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos**. Rebento, São Paulo, v. 12, p. 8-32, jan-jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 269 p.

GALLO, Sílvio. GUBERNAMENTALIDAD Y BIOPOLÍTICA EN EL BRASIL CONTEMPORÁNEO. **Reflexiones Marginales**, Cidade do México, p. 1-11, abr. 2021. Disponível em: <https://reflexionesmarginales.com.mx/blog/2021/04/03/gubernamentalidad-y-biopolitica-en-el-brasil-contemporaneo/>. Acesso em: 28 maio 2021.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, 80 p.

LAING, Olivia. **A cidade solitária: Aventuras na arte de estar sozinho**. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017, 302 p.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro, Rocco, 2019.

MBEMBE, Achille. **NECROPOLÍTICA: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 71 p.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

SEFFNER, Fernando; PARKER, Richard. **Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids.** *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 293-304, 16 fev. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0459>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021a. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistam/article/view/10487>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32 p.

UNAIDS. **ESTATÍSTICAS MUNDIAIS SOBRE O HIV: RESUMO INFORMATIVO.** 2020. Disponível em: [https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2020/11/2020\\_11\\_19\\_UNAIDS\\_FactSheet\\_PORT\\_Revisada.pdf](https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2020/11/2020_11_19_UNAIDS_FactSheet_PORT_Revisada.pdf). Acesso em: 23 nov. 2020

*Recebido em 02 de junho de 2021*

*Aprovado em 15 de agosto de 2021*